

PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES PARA ENFRENTAMENTO DO FENÔMENO DA AUTOMUTILAÇÃO

PROMOTING MENTAL HEALTH AT SCHOOL: TRAINING TEACHERS TO DEAL WITH THE PHENOMENON OF SELF-MUTILATION

PROMOVER LA SALUD MENTAL EN LA ESCUELA: FORMAR A LOS PROFESORES PARA ABORDAR EL FENÓMENO DE LA AUTOMUTILACIÓN

Danyela dos Santos Lima ¹

Eliany Nazaré Oliveira ²

Maristela Inês Osawa Vasconcelos ³

Joyce Mazza Nunes Aragão ⁴

Maria Suely Alves Costa ⁵

Ludmilla Alves Santos ⁶

Como Citar:

Lima DS, Oliveira EN, Vasconcelos MIO, Aragão JMN, Costa MSA, Santos LA. Promoção da Saúde Mental Na Escola: capacitação de professores para enfrentamento do fenômeno da automutilação. SANARE 2024;23(2)

Descritores:

Capacitação de professores; Automutilação; Escolares; Saúde mental; Promoção da saúde.

Descriptors:

Teacher training; Self-harm; Schoolchildren; Mental health; Health promotion.

Descriptores:

Formación de profesores; Automutilación; Escolares; Salud mental, Promoción de la salud.

Submetido:

28/10/2024

Aprovado:

25/11/2024

Autor(a) para Correspondência:

Danyela dos Santos Lima
E-mail: danyelaenf@gmail.com

RESUMO

Este estudo objetivou capacitar professores de escolas públicas para identificação e abordagem de adolescentes com comportamento autolesivo. Tratou-se de uma pesquisa-intervenção, com abordagem qualitativa, desenvolvida em forma de curso de capacitação on-line, através da plataforma Google Meet. Teve como público-alvo 18 professores, provenientes de sete municípios do Ceará. A intervenção aconteceu em três etapas: aplicação de um pré-teste, que buscou sondar o conhecimento prévio dos professores em relação à temática; a capacitação propriamente dita, realizada por meio de metodologias ativas em momentos síncronos e assíncronos; e um pós-teste que buscou verificar o aprendizado construído no processo de capacitação. Através do curso foi possível ampliar os horizontes dos professores sobre a promoção da saúde mental e prevenção de comportamentos autolesivos no contexto escolar, como também direcionar as possíveis condutas frente aos casos em escolares.

1. Enfermeira pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). Mestre em Saúde da Família pela Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF) e Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). E-mail: danyelaenf@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4677-5656>

2. Enfermeira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-doutorado pela Universidade do Porto - Portugal. E-mail: elianyy@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6408-7243>

3. Enfermeira pela Universidade Federal do Ceará. Pós-doutorado em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: maristela_osawa@uvanet.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1937-8850>

4. Enfermeira Pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). Doutorada em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: joyce_mazza@uvanet.br. ORCID: <http://lattes.cnpq.br/9795597292263465>

5. Psicóloga pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorado Europeu em Psicologia Aplicada (Psicologia Clínica e da Saúde) pela Universidade do Minho Braga PT. E-mail: suelyacosta@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3545-0613>

6. Enfermeira pela Faculdade de Integração do Sertão (FIS/SESST). Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Universidade Estácio de Sá. Residência Multiprofissional em Saúde Mental - Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia - Sobral/CE. E-mail: ludmillaasantos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4592-527X>

Cert. de Redação Científica: Central das Revisões. Edição de texto: Karina Maria M. Machado. Revisão de provas: Texto definitivo validado pelos(as) autores(as).

ABSTRACT

This study aimed to train public school teachers to identify and approach adolescents with self-injurious behavior. This was a qualitative intervention research, developed as an online training course using the Google Meet platform. The target audience was 18 teachers from seven municipalities in Ceará. The intervention took place in three stages: application of a pre-test, which sought to ascertain the teachers' prior knowledge of the subject; the training itself, carried out using active methodologies in synchronous and asynchronous moments; and a post-test which sought to verify the learning achieved during the training process. Through the course, it was possible to broaden the teachers' horizons on mental health promotion and the prevention of self-injurious behavior in the school context, as well as directing possible approaches to cases in schoolchildren.

RESUMEN

Este estudio tenía como objetivo formar a profesores de escuelas públicas para identificar y tratar a adolescentes con conductas autolesivas. Se trató de una investigación de intervención cualitativa, desarrollada como un curso de formación en línea utilizando la plataforma Google Meet. El público objetivo fueron 18 profesores de siete municipios de Ceará. La intervención se desarrolló en tres etapas: aplicación de un pre-test, que buscaba conocer los conocimientos previos de los profesores sobre el tema; la capacitación propiamente dicha, realizada utilizando metodologías activas en momentos sincrónicos y asincrónicos; y un post-test que buscaba verificar los aprendizajes construidos durante el proceso de capacitación. A través del curso fue posible ampliar los horizontes de los profesores sobre la promoción de la salud mental y la prevención de conductas autolesivas en el contexto escolar, así como orientar posibles abordajes de casos en escolares.

.....

INTRODUÇÃO

A automutilação pode ser definida como atos deliberados, repetitivos e intencionais de mutilar-se em busca do alívio de sofrimento emocional intenso ou mesmo como uma forma de autopunição. Esses comportamentos geralmente incluem cortar, arranhar, bater e/ou queimar a pele, esmagar as mãos ou os pés contra a parede ou objetos, bater em si mesmo, etc^{1,2}.

Estes comportamentos apresentam variações quanto à nomenclatura, ao conceito, à prevalência, à origem e aos determinantes. Atualmente, classificam-se em dois grupos, que se distinguem em relação à intenção do ato, sendo eles: *Deliberate self harm*, que inclui todos os métodos de automutilação, não diferenciando se é uma tentativa de suicídio ou não e *Non Suicidal Self Injury* (NSSI), que diz respeito lesões na ausência da intenção de morte².

A automutilação para muitos sujeitos funciona como estratégia compensatória para lidar e regular emoções angustiantes resultantes da exposição precoce a ambientes e situações adversas. Consonante a esta visão, muitos estudos mostram associação entre automutilação e alguns acontecimentos na vida e infância, como abuso sexual infantil, abuso físico, negligência, bullying e, até mesmo, desvantagem econômica^{2,3,4}.

Um estudo realizado nos Estados Unidos

evidenciou que, após a automutilação não fatal, o público estudado apresentava risco 26,7 vezes maior de suicídio do que a população geral⁶. Ressalta-se diante disso, a importância de cuidados e acompanhamento para garantir a segurança das pessoas que se automutilam.

Sendo a automutilação um comportamento comum, principalmente, entre jovens e adolescentes, destaca-se o desafio de trabalhar a promoção à saúde desse público, pois poucos buscam os serviços de saúde e facilmente são influenciados pelo meio social para prática de comportamentos de risco. Posto isso, percebe-se a importância de transpor os muros dos serviços de saúde para alcançar estes jovens em locais estratégicos⁷.

Nessa perspectiva, a escola é lugar mais indicado para verificação dos sinais de risco e para a promoção da saúde física e mental. É onde jovens e adolescentes passam a maior parte do tempo. Onde expressam dilemas vividos na juventude. É um local de formação, mas também de construção das relações com os pares. Nessas relações a prática da automutilação costuma ser identificada, discutida e, em alguns grupos, iniciada. Portanto, muitos casos podem ser identificados por profissionais da educação⁸.

Estudos transversais mostraram que entre estudantes, a baixa frequência escolar, conexões

e atitudes negativas em relação à escola foram associados ao risco aumentado de automutilação. Também, há evidências de taxas mais altas de automutilação entre jovens adultos com histórico de mau desempenho escolar, porém risco menor entre aqueles que frequentaram escolas com desempenho acadêmico médio inferior⁹.

Isso aponta que os estudantes demonstraram sinais de alerta antecipadamente. Eles tendem a apresentar baixa autoestima, ter problemas de sono e alimentação, afastar-se de amigos, doar bens valorizados, perder o interesse pela aparência pessoal, usar álcool e drogas, bem como correr riscos desnecessários¹⁰.

Vale destacar também, que no ambiente escolar os professores estão em posição estratégica para atuarem como provedores da prevenção do comportamento autolesivo, pois através de um relacionamento harmonioso com os alunos, possuem a possibilidade de identificar estudantes em risco, abordar, acolher e promover cuidado em saúde. Contudo, há evidências de despreparo, desconhecimento e insegurança dos professores na abordagem e no manejo dos adolescentes em risco, o que mostra a fragilidade das ações de prevenção dentro da escola¹⁰.

Não se pode negar que a violência autoprovocada é um verdadeiro problema de saúde pública a nível global. Apesar de se tratar de um fenômeno que tem ganhado elevada notoriedade nos últimos anos, a nível científico, como também midiático, ainda é necessário ampliar estratégias de intervenção e prevenção nesta área. Diante disso, o presente estudo objetivou capacitar professores para identificação de estudantes com sinais de risco para automutilação, abordagem correta, notificações e acionamento de serviços necessários.

METODOLOGIA

Este estudo tratou-se de uma pesquisa-intervenção, com abordagem qualitativa, pautada em ofertar, de modo online, uma capacitação para professores com vista ao enfrentamento da automutilação no contexto escolar.

O curso teve a divulgação realizada através das redes sociais *Instagram* e *Facebook*, através do perfil do “Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde Mental e Cuidado” da Universidade Estadual Vale do Acaraú, como também na página oficial da APROTECE (Associação dos Professores de Educação Profissional

da Rede Estadual do Ceará).

As inscrições foram realizadas pela plataforma de eventos da Universidade Estadual Vale do Acaraú, sendo ofertadas 40 vagas. Através dos dados cadastrais, os inscritos foram adicionados a um grupo de *WhatsApp*, pelo qual foram fornecidas informações importantes e o link para cada um dos encontros on-line.

A capacitação aconteceu entre os meses de junho e julho de 2022 e contou com oito encontros online, através da Plataforma *Google Meet*, que aconteceram semanalmente durante o período noturno.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão do estudo: ser professor da rede pública de ensino, participar voluntariamente e fornecer a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Contudo, excluíram-se aqueles que se enquadraram no critério de descontinuidade, ou seja, não participaram de todas as oficinas.

O processo de ensino-aprendizagem foi constituído de três etapas: 1ª) pré-teste, que buscou sondar o conhecimento prévio dos professores em relação à temática automutilação, tal como as necessidades de aprendizagem; 2ª) capacitação propriamente dita, realizada por meio de metodologias ativas em momentos síncronos e assíncronos; e 3ª) pós-teste /avaliação global de conhecimentos, que buscou verificar o aprendizado construído no processo de capacitação.

Os instrumentos de coleta de dados (pré-teste e pós-teste) foram adaptados à plataforma *Google Forms*, e os dados foram analisados à luz da codificação de Flick (2009)¹¹ que tem por finalidade expressar dados e fenômenos na forma de conceitos.

O pré-teste contou com três questões subjetivas, a saber: Qual o seu conhecimento e compreensão sobre automutilação? Como você percebe o fenômeno da automutilação dentro da escola? No contexto escolar, os professores podem ajudar na identificação e abordagem de alunos com comportamento de automutilação?

O pós-teste, por sua vez, contou com dez questões de múltipla escolha, norteadas pelos conteúdos programáticos do curso, e se deteve a avaliar o conhecimento adquirido, se constituindo também, como critério para certificação, sendo necessária a obtenção de 70% de acertos no instrumento aplicado.

Ao final do curso, solicitou-se que os professores realizassem uma breve avaliação da capacitação através da estratégia QUE BOM/ QUE PENA/ QUE TAL, que também foi adaptada ao *Google Forms*.

A certificação foi realizada pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú, com carga-horária de 120hs. Tal carga-horária foi constituída pelos encontros online e atividades de leituras disparadas nos intervalos entre os encontros.

Vale destacar, que tal intervenção foi produto da dissertação de mestrado da primeira autora, sendo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF).

O estudo seguiu as diretrizes da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Vale do Acaraú – UVA, pela Plataforma Brasil, e obteve parecer de aprovação n. 5.393.904. Para preservar a identidade dos sujeitos, as falas foram identificadas por P01, P02, P03, consecutivamente, para indicar cada um dos professores participantes¹².

RESULTADOS

O curso foi concluído com a participação de modo integral de 18 professores, provenientes de sete municípios do Ceará (Sobral, Forquilha, Groaíras, Meruoca, Massapê, Ipu e Fortaleza), que possuíam faixa etária entre 21 e 64 anos e relataram de um a 42 anos de experiência na docência. 66,6% (12) deles atuavam como professores do ensino médio, 27,7% (5) atuavam no ensino fundamental II e 5,5% (1) atuava no ensino fundamental I.

Para melhor compreensão dos resultados foram construídas três categorias de conhecimento, norteadas pela sequência das etapas da intervenção, a saber: Percepção dos professores sobre a automutilação no contexto escolar; Capacitando para o cuidado de saúde mental dentro da escola: estratégias de ensino-aprendizagem; Considerações dos professores a cerca do curso de capacitação.

Percepção dos professores sobre a automutilação no contexto escolar

Ao serem indagados sobre o conhecimento acerca da automutilação, a maioria dos professores afirmou ter pouco ou nenhum conhecimento sobre a temática. Embora já tivessem ouvido falar, percebeu-se insegurança em discutir sobre o assunto. Isso pode ser visto nas respostas a seguir.

“Não tenho nenhum conhecimento” (P03).

“Isso é pouco debatido na escola onde trabalho, por ter ocorrido pouquíssimas vezes” (P15).

Em meio às respostas tímidas dos sujeitos, outros professores, por sua vez, admitiram vivenciar o problema na escola onde atuavam, o que embasava o conhecimento que possuíam sobre o fenômeno. Observa-se que, além da experiência de ter alunos que se automutilam, os professores relataram a aproximação destes para falar de dores psicológicas, angústias e medos, que provavelmente não conseguiriam contar para família e amigos. Isso pôde ser visto pelas falas a seguir:

“Eu tenho um aluno que pediu para conversar comigo[...] ele falou que se cortava porque sentia uma dor muito forte. Outro dia, ele chegou à sala de aula com roupa de frio e sentou-se lá atrás, então, eu fui falar com ele, e ele mostrou os cortes que ele tinha acabado de fazer no banheiro da escola” (P16).

“Sou professora do Ensino Médio pela rede estadual de ensino. Sou PDT (Professor Diretor de Turma) e tenho alguns casos de alunos que se mutilam ou já se mutilaram” (P04).

Pode-se perceber, através disso, que os alunos veem no profissional de ensino alguém em quem podem encontrar ajuda ou alguma orientação. Isso reafirma a necessidade de capacitar professores para realização das instruções corretas.

Ao se questionar sobre como se apresentava esse fenômeno dentro do ambiente escolar e como era visto por esses profissionais, é possível inferir, que a automutilação, de maneira geral, era vista como algo desafiador, gerando muitas dúvidas em relação à condução dos casos dentro da escola. Além disso, foi citada como grande urgência para sociedade de modo geral. Relatou-se também, que a problemática é crescente e acompanha muitas alterações comportamentais apresentadas pelos alunos, após o longo período de isolamento social, instituído na pandemia da Covid-19. É o que mostra os relatos a seguir:

“Trata-se de um fenômeno que necessita de urgência. Muitas vezes, a automutilação fica em silêncio e nós, professores, não sabemos como lidar, como ajudar. Ou seja, é necessário urgência em aprender, em orientar, em ajudar nossos alunos” (P16).

“Acredito que a ansiedade que atinge a maioria dos jovens no contexto pós-pandemia COVID-19 contribuiu para o aumento de casos de automutilação”(P06).

“Os casos aumentaram, principalmente na volta às aulas presenciais depois do isolamento social”(P11).

Sobre a possibilidade de os professores contribuírem na identificação e abordagem da automutilação, percebeu-se a unanimidade das respostas positivas. Os professores reconheceram que alterações do padrão de comportamento podem ser identificadas dentro da escola. Porém, também, relataram a dificuldade para ter momentos de qualidade para abordagem e acompanhamento destes alunos, tendo em vista a grande demanda de trabalho. Os trechos abaixo mostram isso:

“Primeiro fico observando o comportamento dos alunos, e sempre tem aquele que fica mais retraído, mais quieto. Ao passar do tempo, começo a perceber se aquele aluno está ou não precisando de ajuda. Isso acontece na grande maioria dentro da sala de aula” (P16).

“Sim, observando comportamentos, atitudes e conversando muito com os alunos. Ao mesmo tempo, se torna muito difícil, pois não temos como parar as aulas para realizar esses momentos, porque temos que cumprir com a carga horária, conteúdo etc.” (P03).

“No comportamento diferenciado dos alunos, como agressividade, isolamento, uso de roupas frouxas e compridas” (P05).

Capacitando para o cuidado de saúde mental dentro da escola: estratégias de ensino-aprendizagem

Através da identificação das necessidades de aprendizagem dos sujeitos, mediante o pré-teste, foi possível direcionar cada um dos encontros e construir um caderno de apoio ao discente, a fim de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, norteando-os sobre os conteúdos, atividades a serem realizadas de forma síncrona e assíncrona e links dos materiais de apoio.

Todo material foi constituído a partir de diretrizes de documentos oficiais como as cartilhas publicadas pelo Ministério da Saúde e o processo de ensino-aprendizagem teve como base teórica a educação problematizadora de Paulo Freire, por meio do qual se traçaram estratégias para elaboração de modelo proativo de trocas de conhecimentos entre profissionais da saúde e professores.

O curso contou com os seguintes momentos e conteúdos programáticos: 1º Encontro - apresentação da proposta de capacitação e caderno do discente; 2º Encontro- conceito de automutilação e dados epidemiológicos; 3º Encontro - fatores de risco, fatores de proteção, tipos de prevenção (universal, seletiva e indicada) e pós-venção; 4º Encontro - abordagem do sujeito com comportamento autolesivo; 5º Encontro - notificação de violência autoprovocada; 6º Encontro - rede de apoio aos casos de automutilação; 7º Encontro -competências socioemocionais; 8º Encontro - *Webnário* sobre enfrentamento da automutilação no contexto escolar.

O comprometimento com a construção do conhecimento dos alunos demandou desenvolver métodos criativos de ensino para que os alunos a compreendessem melhor os temas abordados. Para isso, foram pensadas metodologias ativas e processos educativos que encorajassem o aprendizado crítico-reflexivo com uma maior aproximação da realidade. Foram utilizadas como estratégias educacionais: exposição dialogada, caso-análise, *Jamboard*, nuvem de palavras, painel integrado do *Padlet*, treinamento de habilidades e *Webinário*.

Diante disso, percebeu-se um resultado satisfatório no aprendizado dos sujeitos visto que se mostraram participativos e todos que concluíram o processo de capacitação, obtiveram 70% ou mais de respostas corretas do instrumento de pós-teste.

Considerações dos professores a cerca do curso de capacitação.

Ao avaliarem a capacitação, os sujeitos afirmaram

bom aprendizado durante o curso com agregação de muitas informações importantes para prática de promoção da saúde mental dentro da escola. Como pontos positivos, os sujeitos apontaram os métodos utilizados no processo de ensino-aprendizagem e os conteúdos programáticos que contribuíram para compreensão da automutilação como fenômeno a ser enfrentado no ambiente escolar.

Muitos dos sujeitos expressaram o desejo da capacitação de forma presencial, em que se tivesse a oportunidade de compartilhar com outros colegas experiências relacionadas aos casos de automutilação na escola. Houve, também, falas sobre insuficiência da carga-horária para tratar de um assunto tão complexo, revelando desses participantes em continuar aprofundando conhecimentos acerca do tema. Essas percepções podem ser observadas nas falas a seguir:

QUE BOM: “Que o curso me possibilitou um maior conhecimento sobre a automutilação. Pude perceber o processo de identificação e abordagem dentro do ambiente escolar. É de extrema importância para todos os profissionais da educação. Que as autoridades competentes estejam mais sensíveis a um tema tão cheio de estigmas e preconceitos dentro e fora das escolas” (P15).

QUE PENA: “Achei uma pena esse curso ser remoto. Acho que teríamos um rendimento muito maior se ele tivesse no modo presencial. Pouco tempo para estudar, oscilação da internet, pouco contato com os demais colegas” (P02).

“É uma pena ter somente oito encontros, pois são muitos detalhes para serem estudados. Assunto complexo e pertinente para nossa realidade. Poderíamos continuar com um segundo módulo” (P12).

QUE TAL: Formar novas turmas de professores, pois essa temática é necessária nas escolas. Aumentar a carga horária do curso e fazer uma formação presencial sobre este e outros temas pertinentes ao assunto, para que mais professores também possam ter essa incrível experiência! (P17).

DISCUSSÃO

Os professores, em sua formação inicial, não são preparados para educação em saúde mental, em sala de aula. Muito menos para lidar com comportamentos de alta complexidade, como a automutilação. É comum que isso os deixem inseguros para o enfrentamento de tal fenômeno. Na maioria das vezes, são convocados a responderem a demandas de alunos com esses sintomas, no entanto, eles se veem paralisados e inseguros sem saber como agir¹³.

A prática da automutilação tem sido um desafio dentro do âmbito escolar, não somente pela dificuldade que a equipe pedagógica encontra em não saber como lidar com os casos, mas também por compreender o tema conforme o senso comum, de que, ao praticar a automutilação, os escolares “querem chamar atenção”.

Perceber a automutilação como um problema real e multicausal, associado a um sofrimento psíquico e fatores intrínsecos e extrínsecos é o primeiro passo para se pensar estratégias de intervenção. Qualificar sinais, identificar riscos, escutar, acolher, acompanhar e quando necessário encaminhar para os serviços de saúde de referência são caminhos a serem trilhados nesse enfrentamento⁷.

É extremamente importante discutir como a instituição escolar pode contribuir para atuação dos professores na promoção da saúde mental dos alunos. Neste sentido, defende-se a formação continuada de professores, contemplando conteúdos sobre a automutilação e o desenvolvimento humano, a partir da psicologia cultural, importante recurso para promoção da inclusão e acessibilidade desses alunos na escola¹⁴.

São imprescindíveis capacitações sobre abordagens práticas no enfrentamento da automutilação na atualidade, uma vez que ela tem afetado a vida de muitas pessoas e impactado a sociedade em geral, requerendo ampliação de pesquisas que respondam a questionamentos que ainda permanecem sem respostas. Também é necessário oferecer a oportunidade dessas pessoas externalizarem opiniões sobre os significados e sentidos atribuídos a essas práticas, e dos motivos que as fazem recorrer a esses atos, colocando a vida em risco⁸.

Diante disso, reafirma-se a importância desta intervenção em capacitar e sensibilizar profissionais do ensino para uma postura ética e sensível frente aos casos da automutilação, visto que tem se tornado

cada vez mais frequente entre jovens e adolescentes principalmente no período pós-pandemia de Covid-19.

Observa-se em algumas falas dos professores desse estudo, que o nível de ansiedade e desequilíbrio emocional dos alunos fora, claramente, visualizados e associados ao retorno às aulas presenciais, após o isolamento social. Estudos mostram impactos psicológicos diretamente ligados à pandemia da Covid-19, sendo manifestados por meio de sintomas de estresse, depressão e ansiedade. Neste sentido, os efeitos nocivos na saúde mental da população é algo muito preocupante, uma vez que se evidenciam os sinais de sofrimento psíquico e o surgimento de transtornos mentais dentro e fora da escola¹⁵.

Então, na perspectiva de promover saúde mental dentro da escola, vislumbra-se alguns atributos comuns à prática docente, como a responsabilidade e capacidade de diálogo que são essenciais para o cumprimento do papel social de mediador e agente de prevenção. Os professores podem atuar dentro da escola, por meio da utilização das estratégias que envolvem intervenções de resiliência, promoção da cultura da paz, identificação dos sinais de alerta, apoio de primeira linha aos alunos, por estarem em contato contínuo e diário, além disso, podem ser elo entre estes estudantes e os serviços de saúde¹⁴.

Vale destacar que a Política Nacional de Prevenção à Automutilação e Suicídio (PNPAS), publicada no ano de 2019, recomenda que funcionários e professores de escolas públicas e privadas entendam e sejam treinados sobre a notificação e procedimentos para casos de violência autoprovocada¹⁷.

No entanto, infelizmente, grande parte das escolas enfrentam a lacuna entre o que a lei exige e a realidade vivenciada. Isso envolve uma teia complexa de condições sociais, perspectivas individuais e grupais, influenciadas pelos interesses do estado e gestores imersos nesses embates estruturais da educação brasileira. As equipes escolares carecem de suporte para lidar com a demanda da autolesão que acomete os estudantes².

A capacitação de profissionais e gestores, para garantia da notificação compulsória e a articulação em rede para acompanhamento dos casos de sofrimento mental e violências autoprovocadas se faz imprescindível para efetividade do cuidado. Aponta-se a necessidade de mais profissionais em ambas as esferas, saúde e educação, implicados com a temática e sensíveis para uma postura acolhedora¹⁸.

Uma pesquisa realizada na Austrália, com 400 professores, mediante treinamento adicional sobre

questões de saúde mental, como automutilação e Transtorno de Personalidade *Borderline* (BPD), objetivou explorar até que ponto o professor pode melhorar a capacidade de identificação e intervenção precoce de alunos que se automutilam ou apresentam outros transtornos emocionais, após receber capacitação. Os resultados indicaram melhorias significativas na atuação dos professores, mostrando que eles aprenderam a agir diante da automutilação e do BPD⁶.

A intervenção também melhorou a capacidade das escolas para planejar e implementar estratégias, visando reduzir o impacto dos problemas de saúde mental na pessoa jovem e pares. Pesquisas como esta revelam a importância da preparação prévia professor que atua a frente de projetos interventivos em ambiente escolares. É de extrema importância que este profissional conheça um pouco sobre as pesquisas acerca da automutilação, os fatores de risco descritos na literatura e, partindo disso, elabore estratégias de intervenção que visem ajudar o adolescente⁶.

No Brasil, Lima (2023)¹⁸ em uma revisão sistemática da literatura, buscou identificar significados e ações frente à automutilação no contexto educacional brasileiro. O autor destaca que poucas ações têm sido realizadas e aquelas feitas possuem, em sua maioria, caráter individual e clínico. O que sinaliza uma contradição entre as intervenções realizadas e aquelas preconizadas pelos documentos do ministério da saúde, que apontam várias possibilidades de ações, trazendo uma visão ampla e social de enfrentamento da automutilação na perspectiva preventiva e de promoção da saúde mental.

Frente a isso, destaca-se a necessidade de questionar o papel das políticas públicas e sociais em relação ao fenômeno da automutilação. Ressalta-se a importância de instituições escolares buscarem estratégias não individualizadas e centradas tanto na dimensão psicoeducativa quanto psicossocial, superando o modelo clínico e proporcionando conscientização da escola e sociedade em geral, promovendo o cuidado sem rotular, discriminar e estigmatizar essas pessoas, mas ofertando um cuidado articulado e integral¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa intervenção foi ampliar os horizontes dos professores sobre as

possibilidades de atuação e contribuição que estes podem dar para o enfrentamento do fenômeno da automutilação no ambiente escolar. Após o processo educativo, há a expectativa de que estes professores tenham segurança para identificar, abordar, acolher, notificar e dar, junto a escola, os direcionamentos necessários aos casos através de articulações intersetoriais.

Acredita-se que tais iniciativas contribuam para provocar insights que repercutam em formações permanentes para estes profissionais, contemplando as necessidades dos alunos, frente ao fenômeno da automutilação, contribuindo para prevenção e o cuidado.

É importante apontar como uma das principais limitações desse estudo a dificuldade da adesão dos professores, devido à exaustiva carga-horária de trabalho e inflexibilidade das agendas. Embora tenham sido ofertadas 40 vagas, que tiveram as inscrições rapidamente preenchidas, apenas 18 professores tiveram a disponibilidade de participar efetivamente de todo o processo de capacitação.

Diante disso, presume-se que capacitações ofertadas dentro do ambiente escolar e durante horário de trabalho possam ter um maior alcance e impacto. Além disso, treinamentos realizados dentro da escola poderão alcançar outros profissionais que não atuam em sala de aula, mas que apresentam a potencialidade de identificar sinais de risco para automutilação e intervir junto aos escolares.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Todos os autores contribuíram no processo de elaboração, redação e revisão do manuscrito.

REFERÊNCIAS

1. Peh CX, Shahwan S, Fauziana R, Mahesh MV, Sambasivam R, Zhang Y, et al. Emotion dysregulation as a mechanism linking child maltreatment exposure and self-harm behaviors in adolescents. *Child Abuse & Neglect* [Internet]. 2017 May;67:383–90. Available from: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0145213417301059?>
2. Moraes DX, Moreira ES, Sousa JM, Vale RRM do, Pinho ES, Dias PCS, et al. "The pen is the blade, my skin the paper": risk factors for self-injury in adolescents. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2020;73:e20200578. Available from: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0578>
3. Richmond-Rakerd LS, Caspi A, Arseneault L,

Baldwin JR, Danese A, Houts RM, et al. Adolescents Who Self-Harm and Commit Violent Crime: Testing Early-Life Predictors of Dual Harm in a Longitudinal Cohort Study. *American Journal of Psychiatry*. 2019 Mar;176(3):186–95. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2018.18060740>

4. Gorodetsky E, Carli V, Sarchiapone M, Roy A, Goldman D, Enoch MA. Predictors for self-directed aggression in Italian prisoners include externalizing behaviors, childhood trauma and the serotonin transporter gene polymorphism 5-HTTLPR. *Genes, Brain and Behavior*. 2016 May 5;15(5):465–73 <https://doi.org/10.1111/gbb.12293>.

5. Law BMF, Shek DTL. A 6-year Longitudinal Study of Self-harm and Suicidal Behaviors among Chinese Adolescents in Hong Kong. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology, Estados Unidos*, v. 29, núm. 1, p. S38–S48, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2015.10.007>. [acess 17 set 2024].

6. Olfson M, Wall M, Wang S, Crystal S, Bridge JA, Liu SM, et al. Suicide After Deliberate Self-Harm in Adolescents and Young Adults. *Pediatrics*. 2018 Mar 19;141(4):e20173517. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2017-3517>

7. Lara G, Saraiva ES, Cossul D. Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura. *Educ Pesqui* [Internet]. 2023;49:e249711. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349249711por>

8. Santos EA, Pulino LHCZ, Ribeiro BS. PSICOLOGIA ESCOLAR E AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO. *Psicol Esc Educ* [Internet]. 2021;25:e225761. Available from: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021225761>

9. Epstein S, Roberts E, Sedgwick R, Polling C, Finning K, Ford T, et al. School absenteeism as a risk factor for self-harm and suicidal ideation in children and adolescents: a systematic review and meta-analysis. *European Child & Adolescent Psychiatry*. [internet] 2019 Apr 15;29(29).<http://dx.doi.org/10.1007/s00787-019-01327-3>

10. Anna E, Dalila M, De Sousa Brito L, Fernando, Guedes Da J, Júnior S, et al. Suicidal behavior and prevention strategies from teachers' perspective. *Escola anna nEry* [Internet]. 24(4):2020. Available from: <https://www.scielo.br/j/ean/a/VT9rfDgLkb7cnhdrJjw4GXc/?format=pdf&lang=pt>

11. Flick U. *Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman editora; 2009.

12. Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução n o 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012 [citado 2024 ago 11]. Available from: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html

13. Carraro EC, Costa Militão E, Brandão Viana H. A PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES QUANTO AO SEU PAPEL NA PROMOÇÃO DE HÁBITOS E ESTILOS DE VIDA SAUDÁVEIS NO AMBIENTE ESCOLAR. Revista da Faculdade de Educação. [internet] 2019 Dec 28;32(2):189-213. Available from: <http://dx.doi.org/10.30681/21787476.2019.32.189213>

14. Almeida RS, Souza LFC, Santos FM, Lima MCS, Lucena SGS, Filho VFL, Silva EPS, Santo GE. A formação continuada de professores sobre as práticas de automutilação / Continuous teacher training on self-mutilation practices. Braz. J. Develop. [Internet]. 2021 Jun. 24 [cited 2024 Ago. 9];7(6):62710-23. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/31861>

15. Qian M, Wu Q, Wu P, Hou Z, Liang Y, Cowling BJ, et al. Anxiety levels, precautionary behaviours and public perceptions during the early phase of the COVID-19 outbreak in China: a population-based cross-sectional survey. BMJ Open. 2020 Oct;10(10):e040910. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-040910>.

17. LEI No 13.819, DE 26 DE ABRIL DE 2019 - DOU - Imprensa Nacional [Internet]. In.gov.br. 2019 [cited 2024 Dec 9]. Available from: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n%C2%BA-13.819-de-26-de-abril-de-2019-85673796>

18. Lima LM, Silva DV, Silva DR, Spini MR, Rasera EF. SIGNIFICADOS E AÇÕES FRENTE À AUTOMUTILAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO: REVISÃO SISTEMÁTICA. Psicol Esc Educ [Internet]. 2023;27:e247706. Available from: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-24770>

